



Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

Amisade inalteravel



—Obrigada, meu Zé! Conta comigo, como eu conto contigo!



PALESTRA AMENA

Nota discordante

E' muito possivel que quando esta palestra vir a luz da publicidade já esteja restabelecida a normalidade em todo o paiz e da aventura que o tem perturbado reste apenas uma triste lembrança, a servir de lição para prevenir prudencias futuras. Seja, porém, como fôr, a situação nunca nos pareceu tão tetrica como a muitos se afigurou, ou porque a nossa fé patriótica não tivesse afrouxado nem por um momento, ou pelo habito em que estamos de extrair dos acontecimentos o que possam ter de ameno para desenfasiar o leitor, que nas nossas linhas pretende apenas repousar o espirito das atribulações a que o sujeitam as inevitaveis agruras da vida.

Portugal é republicano ha 8 anos e apenas aqui e ali, com mais ou menos perseverança, tem custado a fazer desaparecer do mapa algumas sombras das dedadas do antigo regimen. Mas, afinal, que demonio se perderia em que essas sombras permanecessem mais algum tempo, contanto que não se alastrassem nem fossem tão grandes que ferissem a retina pela desharmonia com o tom geral? Pois não são os contrastes que constituem a beleza, em grande parte?

Bem sabemos que a governança dum paiz havia de ser de difficil execução se não tivesse unidade politica completa; mas, contanto que as contribuições se cobrassem regularmente em todos os pontos, reunindo-se num cofre comum, de onde se distribuiriam os beneficios equitativamente—contanto que se não atropelassem interesses e cada um cumprisse com os seus deveres naturaes, parece-nos que taes manchas não ofenderiam o conjunto, tornando-se escusada a despeza da benzina que se gastaria a apaga-las, tanto mais que muito provavelmente se haviam de desvanecer sem grande custo, porque a luz é um reagente poderosissimo com cuja eficacia os quimicos contam muitas vezes.

E' esta uma teoria que briga com o bom senso, dir-se-ha; repare-se, porém, que o bom senso é uma coisa convencional, é unicamente aquele senso que temos por bom por ser nosso, e que muitas das teorias que hoje se julgam disparatadas podem muito bem ser consideradas como excelentes logo que as condições do ambiente se lhes tornem proprias. Tempo houve em que a idéa das federações, por exemplo, seria recebida com um arripio e ela afinal radicou-se, desenvolveu-se, floriu, realisando, como se sabe, uma formula perante a qual algumas das antigas nos parecem atualmente comicas.

Emfim, restabeleça-se a unidade, mas verão que por este andar ainda acabamos por voltar á monotonia e have-

mos de ter saudades das sensações fortes que ultimamente temos gosado e que nos trazem os nervos afinadinhos que é um regalo.

J. Neutral.

A força do habito

Damos, em seguida, algumas notas que a nossa reportagem recolheu durante a ultima sarrafusca, por essas pacatas ruas de Lisboa.

Na rua de S. Marçal. Uma senhora, chegando á janela, para uma peixeira que passa:

—A como é a petinga?

A peixeira:

—A tostão o quarteirão.



—Dou quatro vintens...

A peixeira:

—Venha...

N'isto uma granada bate no predio da fregueza da petinga e estoira. A rapariga, concluindo:

—... abaixo!

E fez-se a transação, sem inconveniente de maior.

Entre amigas:

—O' D. Alzira, vae esta tarde a comprar?

—Não, D. Beatriz. Estou convidada para passar a tarde em casa da D. Pulqueria.

—Ah! é festa lá em casa?

—Não é, mas como mora ao Arco do Carvalho as granadas rebentam mesmo ao pé e é um espetaculo lindo!

—Tambem vou, D. Alzira.

—Talvez que até tenhamos a sorte de alguma nos entrar pela janela...

Na rua da *Escola* Politecnica:

De ondes vens tu a correr, ó Chico?

—Ah! és tu? Venho da Praça do Rio de Janeiro. Cairam agora lá tres granadas.

—E vais a fugir para casa, hein?

—A fugir?! Vou a casa mas é buscar um binocolo para vêr a pandega mais de perto. D'aqui a cinco minutos estou outra vez na Praça do Rio de Janeiro.

Janta-se em casa do *Almeida*. No fim do cosido, ouve-se um estrondo proximo, seguido d'alguns minutos de silencio.

A dona da casa:

—Então, Maria, traz o resto ou não traz?

—Já vou, minha senhora; é que entrou uma granada pela chaminé!

—E isso que tem? Traga o assado, ande!

Para o marido:

—Não te digo eu? Estas criadas de hoje são insuportaveis!

Em liberdade

A convite do sr. presidente do ministerio reuniram-se ha dias no seu gabinete representantes de varios jornais da capital, resultando de tal reunião que a censura á imprensa foi abolida.

Congratulamo-nos, embora não sejamos dos mais queixosos; que nos lembremos, só uma vez a censura nos incomodou, riscando dois ou três vocabulos que tinham escorrido do bico da pena sem nós sentirmos—mas agora que temos o campo livre, saibam todos quantos estas linhas lerem, que qualquer dia escrevemos aqui uma destas exclamações que ha-de dar brado.

—E' "arre!" perguntará o leitor?

Peor, muito peor!

Chuchem I

Confessamos que a falta de tabaco nos tem posto de mau humor, mas isso não obsta a que achemos imensa graça a um annuncio de cigarros que anda aí pelos jornaes, encimado com a seguinte recomendação: *Fumem «Veado»*.

Não fumaremos, porque a marca deve ser dura como um chifre.

Correspondencia

J. de Albuquerque.—Não podemos publicar toda a sua formosissima poesia, por falta de espaço—mas transcrevemos a primeira e a ultima quadra, que devem chegar para a conquista da imortalidade:

P'ra que nos serve viver
Nesta vida de illusão:
E' preferivel morrer
Que criar uma paixão.

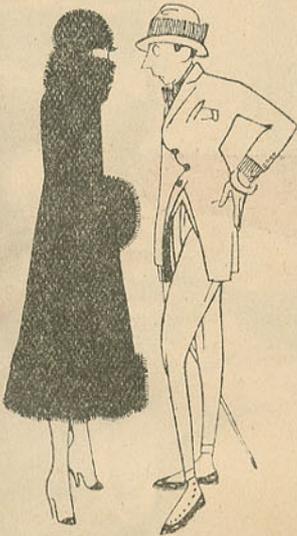
.....
Não sei qual o teu prazer
Dize sejam verdadeira.
Se preferes eu morrer
A ser's minha companheira.



Boatos

Aí vão os ultimos.
 Num animatografo.
 — Que invento, meu caro!
 — Não percebo.
 — O' homem; refiro-me ao invento do Paiva Couceiro.
 — Qué? o Paiva Couceiro inventou alguma coisa?
 — Um canhão...
 — Um canhão?
 — Sim; um canhão que lá tem no Porto e cujo tiro alcança setenta leguas. Deve começar a bombardear Lisboa por estes dias.
 — Posso espalhar?
 — Espalha, espalha...

A' porta da Havaneza:
 — Pst! pst! ó visconde!
 — Que é?
 — Então já sabes?
 — Não; conta lá.



— As Berlingas tornaram-se independentes.
 — Serio?!
 — Dizem. Adeus. Espalha isso por aí...

Numa loja de modas.
 — Então que novidades me dá, baroneza?
 — Ai, filha! Estou comovidissima!
 — Sim? conta lá, então!
 — Sabes quem eu vi agora no Rocio, com uma barba postica?
 — Quem foi? quem foi?
 — O D. Manuel!
 — Tens a certeza? ...
 — Toda. Não te esqueças de espalhar...

A' entrada das repartições, em Terreiro do Paço.
 — Então tu hoje vaes á repartição, colega?
 — Vou; e tu?
 — Eu, não; vim até aqui, mas volto imediatamente para casa.

EM FOCO

José Relvas



*E' tido justamente por artista
 Do mais formoso engenho e gosto raro,
 O que, para constar, aqui declaro
 Na minha qualidade de cronista.*

*Mais na biografia se regista
 Que, seja por instante ou por preparo,
 Não ha quem tenha mais perfeito faro
 Nem quem possua mais aguda vista.*

*Pois bem: com tal beleza de sentidos
 E sendo tão completo diplomata,
 Se conseguir que estejam reunidos*

*Sem fazerem medonha zaragata
 Tres portuguezes só, de tres partidos,
 Dou-lhe... uma duzia de pasteis de nata!*

BELMIRO.

— Porquê?
 — Disseram-me agora uma coisa...
 pessoa competentissima.
 — Que foi?
 — Os monarchicos conseguiram fazer uma galeria subterranea por baixo dos ministerios e enche-la de dinamite
 — O' diabo! Então de um momento para o outro? ...
 — Vai tudo pelos ares!
 — Bolas! Vou tambem para casa.
 — Adeus; vai espalhando pelo caminho, ouviste?
 — Pois sim...

Viagem atribulada

O nosso amigo e bem conhecido almocreve José da Rita, que costuma de feira em feira fazer a sua venda de artigos miudos, como pentes, botões, suspensorios, gravatas, lamparinas, etc., transportados no seu jumento branco, dirigiu-se ha dias ao mercado da Aldeia Nova do Cabeço. Descarregou o burro, desenrolou o pano da barraca e armou-a n'um abrir e fechar de olhos, depois do que lhe colocou no topo a bandeira nacional.

Mal, porém, a tinha arvorado, eis que sobre a barraca começaram a chover pedras sobre pedras e logo um grupo de pessoas mal encaradas se adiantou gritando:

— Morra o José da Rita! morra!
 O nosso homem, palido como um morto, indagou:
 — Que fiz eu?
 — Pois você não sabe que está aqui proclamada a monarchia? berraram.

Não lhe valeu o tirar a bandeira a toda a pressa. O real grupo dos trauliteiros da dita aldeia atirou-se a ele como a centeio verde e o pobre José da Rita só teve ás boas pernas da besta o poder escapar-se e dirigir-se á feira de Cheira Ventos de Banda, a

tres leguas d'ali, onde contava desforrar-se do fraco negocio que fizera em Aldeia Nova do Cabeço.

Chegou, tirou os alforges, espetou os paus para a barraca e, já escaaldado, coseu rapidamente um bocado de pano crú a outro de fazenda azul, conseguindo d'esse modo uma bandeira azul e branca, que sem demora prendeu a uma das estacas.

Bandeira, contudo, não era posta,



quando quatro bombas lhe estoiram ao pé e de todos os lados correm caceteiros, em grita:

— O' seu maroto!! ó seu talassá! Aqui é Republica!

Foi um milagre o José da Rita escapar e poder apresentar-se no dia seguinte no mercado de Freixo-de-Sabre-á-Rétaguarda. Cheggar, armar a barraca e desfraldar de novo a bandeira republicana, foi obra de meia hora, finda a qual Freixo em peso lhe saltava no galinheiro aos vivas á monarchia...

A' hora em que escrevemos José da Rita, que percorreu: mais sete feiras, com exito igual, está de vinha de alhos e o jumento satisfetissimo e bendizendo as perturbações politicas que ora afligem a sociedade portugueza.

Tédio altacinha



EM FAMÍLIA:

— Que aborrecimento, filha! Ha mais de oito dias que não ha uma revolução!